

**GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU****A Gestão do Conhecimento e os Novos Modelos de Universidade**

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
3, 4 e 5 de dezembro de 2014.

ISBN: 978-85-68618-00-4

**O PROGRAMA “MINAS MUNDI” DE MOBILIDADE
INTERNACIONAL PARA GRADUANDOS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Sarah Luana Vieira Vilaca
UFMG
sarah.vilaca@gmail.com

RESUMO

Esta é uma pesquisa que versa sobre a mobilidade internacional dos graduandos do programa “Minas Mundi” da Diretoria de Relações Internacionais da Universidade Federal de Minas Gerais. A partir de contribuições de pesquisas estrangeiras e nacionais das estratégias educativas de internacionalização, a pesquisa analisa o investimento por parte dos discentes para contribuir à sua dimensão internacional e, na possível aquisição de capitais linguístico, cultural e social por meio de uma mobilidade acadêmica internacional. A pesquisa está em andamento e empreende compreender o perfil, as motivações e disposições à constituição da dimensão internacional do capital cultural nos discentes selecionados pelo programa “Minas Mundi”, bem como a experiência pós- intercâmbio acadêmico. Como considerações parciais verifica-se uma expansão da demanda quanto a oferta do programa de mobilidade internacional Minas Mundi e, a expectativa por parte dos discentes que a mobilidade venha a incrementar o seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal.

Palavras-chaves : Educação e internacionalização no ensino superior. Dimensão internacional do capital cultural. Mobilidade discente internacional.

Introdução

O fenômeno da internacionalização do ensino superior não é um fenômeno próprio do mundo contemporâneo. Contrariamente, ele data do período medieval, em que os deslocamentos de jovens, no interior do território europeu, entre Paris, Bolonha, Oxford, Heidelberg etc., em busca do saber, configurou um movimento hoje designado pelos historiadores como *peregrinatio academica* (WAGNER, 2007, p. 10). Tal movimento tem em Erasmos de Rotterdam uma “figura emblemática” (DARCHY-KOECHLIN, 2008, p. 521). Estudar e viajar fazia parte de uma mesma realidade, dada a unicidade dos conteúdos culturais e da língua do ensino, o latim. O conhecido historiador medievalista Jacques Le Goff (1984, p. 76), em seu livro sobre os intelectuais na Idade Média, afirma que “a universidade [medieval] é, de forma única, internacional, pelos seus membros – mestres e estudantes vindos de todos os países,

pela natureza de sua atividade - a ciência que não conhece fronteiras - pelos seus horizontes.” (grifo do autor).

No Brasil colônia, devido à proibição pela coroa portuguesa da criação de instituições de ensino superior no país, uma parcela dos jovens pertencentes às elites brasileiras fazia seus estudos universitários - notadamente em Direito – na Europa, sobretudo em Coimbra (Portugal). Nesse particular, destaca-se a influência destes estudos europeus sobre os inconfidentes mineiros, forjando em um “lastro intelectual dos conspiradores, formados em Coimbra, na maioria, alguns em Montpellier, na França e um deles na Inglaterra” (VAINFAS, 2013, p. 3). Somente em 1808, com a vinda da família real portuguesa, é que foram criadas Escolas Médicas na Bahia e no Rio de Janeiro, seguidas da Academia Real Militar da Corte que, anos mais tarde, se converteria na Escola Politécnica na qual se instituiu a formação em Ciências Econômicas, e a Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, que posteriormente foi convertida em Academia das Artes.

A Universidade no Estado de Minas Gerais e o Programa “Minas Mundi”

A criação de uma universidade no Estado de Minas Gerais fez parte do projeto político dos Inconfidentes, que se concretizou em 1927, com a fundação da Universidade de Minas Gerais (UMG), em 1965, tornou-se a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A Diretoria de Relações Internacionais existe desde 1972, denominada Serviço de Relações Internacionais, á época era subordinada ao reitorado e tratava dos convênios e acompanhamento de professores visitantes estrangeiros (RAMOS, 2009, p. 39). A Diretoria de Relações Internacionais atua como uma instância articuladora das relações acadêmico-científicas internacionais da Universidade.

De acordo com os dados da Diretoria de Relações Internacionais, entre 2006 e 2012, o número de convênios mobilidade internacional em vigor, passou de 157 para 332 esses incluem mobilidades discentes e docentes. Nesse mesmo período passou de 110 para 237, o número de universidades parceiras, constituídas por acordos de mobilidades, pesquisas, programas e projetos que viabilizem a cooperação internacional nos diversos segmentos da UFMG.

Segundo, Broady, D., Borjesson, M., Palme, M. (2002) podem ser observadas a presença de algumas características e variáveis no processo de internacionalização de uma instituição de nível superior:

- A existência de uma comunidade universitária, em que os seus presidentes, reitores e diretores tenham clareza no entendimento de que o espaço acadêmico se estende muito mais do que as fronteiras da cidade, do estado ou do país onde está localizada a instituição;
- A presença de uma equipe administrativa especificamente engajada, em um setor de relações internacionais atuante, que atua como um vetor de expansão da internacionalização da instituição;
- A existência de um corpo docente que publica internacionalmente, participa de congressos científicos internacionais e interage com pesquisadores do mundo;

- A obtenção de recursos de fontes de fomento nacionais e estrangeiras para aplicação em projetos locais;
- Existência de estudantes realizando intercâmbios e experiências internacionais, através de acordos bilaterais, multilaterais e intercâmbios com universidades internacionais, entendendo o valor que isso representa como diferencial no seu currículo e vida pessoal;

Além de outras características dominantes na internacionalização do ensino superior como:

- Cursos ministrados em língua estrangeira, principalmente em inglês (RUANO-BORBALAN, 2011);
- Currículos internacionais (DARCHY-KOECHLIN, 2011) ;
- Padrões internacionais de administração e organização (MOROSINI, 2005);
- Número de acordos entre universidades e países (STALLIVIERI, 2002).

Atualmente a UFMG junto à Diretoria de Relações Internacionais gere 361¹ convênios de parcerias com os cinco continentes: África, América Latina, América do Norte, Ásia, Europa e Oceania.

O principal programa de iniciativa própria à mobilidade discente da Universidade Federal de Minas Gerais é o “Minas Mundi” que existe no formato atual desde 2003 (RAMOS, 2009, p. 39) e, proporciona o intercâmbio internacional para estudantes de graduação com universidades conveniadas.

O Minas Mundi oferece a cada ano centenas de vagas de mobilidade internacional para universidades parceiras, para todas as áreas de conhecimento e, abrange mais de 20 países. Desde 2005 tem apoio financeiro, por meio de um “Convênio de Cooperação” entre a administração central da UFMG, a FUNDEP (Fundação de Desenvolvimento de Pesquisa)², e a FUMP (Fundação Universitária Mendes Pimentel)³. Nesse convênio foi criado o “Fundo de Apoio ao Programa de Intercâmbio para a Graduação” que beneficia os alunos classificados como “carentes”, pela FUMP⁴.

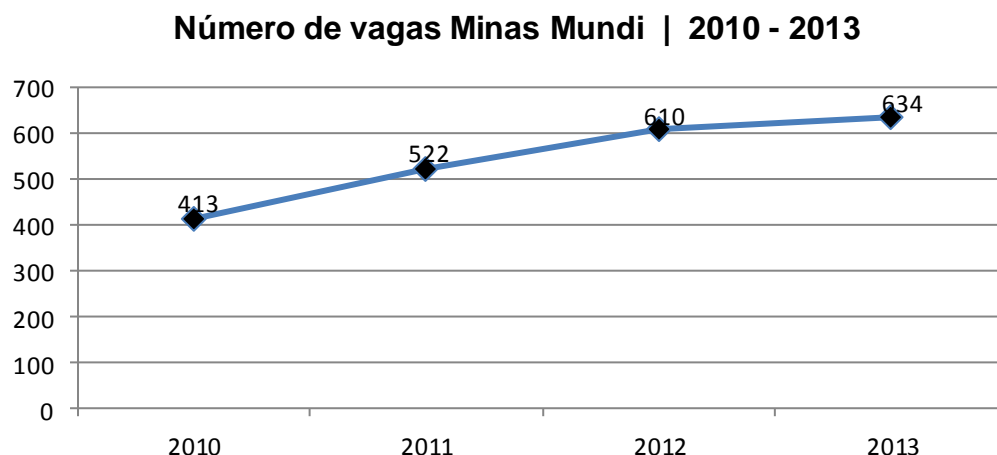
¹ Dados disponibilizados pela Diretoria de Relações Internacionais da UFMG.

² A FUNDEP, criada em 1974, é uma fundação de apoio que atua, principalmente, atua como gestora administrativo-financeira das atividades acadêmicas de pesquisa, ensino, extensão e desenvolvimento tecnológico da UFMG.

³ A FUMP, criada em 1973, é uma entidade sem fins lucrativos que tem como finalidade amparar e dar assistência aos alunos da UFMG que têm condição financeira insuficiente.

⁴ Em 2014 o valor é na ordem de R\$ 1,5 (um milhão e meio de Reais) sob a forma de bolsas para mobilidade internacionais para estudantes selecionados pelo programa Minas Mundi.

Quanto ao número de vagas do programa Minas Mundi, como se vê no gráfico abaixo, entre 2010 e 2013 aumento a oferta de vagas em 65%.



Fonte: Dados do Diretório de Relações internacionais da UFMG.

Para o edital de 2014 “Minas Mundi” foram ofertadas 625 vagas para 109 universidades estrangeiras parceiras. Os alunos selecionados⁵ pela Diretoria de Relações Internacionais deste ano embarcarão em suas viagens de intercâmbio no primeiro ou segundo semestre de 2015.

Perspectivas teóricas e características da constituição do Capital de Mobilidade

Segundo Morosini (2006, idem p. 110) atualmente “de um processo muitas vezes assistemático, mas característico das universidades, a internacionalização está se transformando em objetivo a ser perseguido de forma constante adquirindo contornos específicos nas últimas décadas”. Acompanhando o desenvolvimento do fenômeno mais geral da globalização as instituições universitárias passam a buscar nos programas de cooperação internacional um incremento de competências para o desenvolvimento de sua missão intelectual e social. Segundo Robertson (2011, p.352). As Universidades estariam assumindo a produção de capital humano e, em uma perspectiva mais globalizada, tornando-se atores importantes na emergência de “uma economia global do conhecimento”.

Em relação a formas das mobilidades discentes há duas modalidades: espontâneas ou institucionalizadas (BALLATORE, 2008, p. 19). Essas designam duração e qualidades variadas, que podem resultar na instalação em um país de estrangeiro. A mobilidade, quando espontânea, ocorre em função de uma escolha individual, os discentes se inscrevem em um estabelecimento de ensino superior estrangeiro, sem possuir acordos universitários ou intergovernamentais e não possuem suporte institucional ou financeiro. A mobilidade estudantil institucionalizada pode ser definida como organizada e, inclui suporte aos programas e acordos entre as

⁵ A primeira etapa é efetuada virtualmente e consiste na análise das características objetivas dos candidatos, tais como notas, número de períodos cumpridos, iniciação científica, entre outros. Durante o mês de abril de 2014 foram realizadas as entrevistas de seleção para o programa “Minas Mundi”, que consiste na segunda etapa do processo de seleção, as entrevistas são individuais e bilíngues e, durante a mesma se verifica o nível de proficiência na língua do país de destino, currículo do discente.

universidades, organizados e contam possuem a mobilidade com acordos contratuais de reciprocidade (de pesquisas, recebimento e envio de alunos). A duração da estadia varia em função do tipo de acordo estabelecido.

O foco dessa pesquisa é a mobilidade institucionalizada, cuja análise está sendo empreendida com os estudantes participantes do programa Minas Mundi. Elisabeth Murphy-Lejeune (2003) realizou um estudo com 50 estudantes intercambistas de diferentes nacionalidades e analisou em detalhe a experiência dos discentes desses durante seu período de mobilidade internacional. Por meio desse estudo a autora formula, a noção de *capital de mobilidade* que “exprime, ao mesmo tempo, o que serve de ponto de partida e a riqueza que se acumula.” (idem, p.60). O capital de mobilidade compreende um estoque de competências e de saberes produtivos que, permitem ao indivíduo aumentar suas capacidades produtoras. O capital de mobilidade, segundo Murphy-Lejeune, possui quatro tipos de elementos constitutivos: a história familiar e pessoal; as experiências anteriores de mobilidade; as competências linguísticas; e certos traços de personalidade. Esses traços de personalidade são compreendidos como características relacionadas à sociabilidade, como gostar de encontrar pessoas e experiências novas e, é igualmente considerado, o referencial da família.

É, então, no conjunto das disposições desses discentes, ou seja, em suas trajetórias e preferências – vistos aqui como a retradução simbólica de suas condições de existência – expressas em práticas (BOURDIEU, 1983), que se pretende compreender os investimentos e motivações ligadas ao internacional por parte dos discentes.

São um conjunto de disposições que favorecem a mobilidade como “as competências em línguas estrangeiras, a produção de um sistema de disposições favoráveis ao contato com as culturas estrangeiras (sensibilidade e tolerância à alteridade, disposição à mobilidade, adaptabilidade, curiosidade etc.), as redes de relacionamentos tecidas, dentre as mais importantes” (NOGUEIRA, 2006, p.24). Um dos fatores que influenciam e motivam esse período de estudo internacional, se dá por meio do contato com pessoas que já realizaram mobilidade acadêmica internacional, através dos relatos da vida, adaptação, do cotidiano na universidade estrangeira, dicas de viagem, de estudos, entre outros. (VILAÇA, 2011, p. 98)

Visando captar o perfil do aluno selecionado pelo programa Minas Mundi esta sendo realizado um questionário e entrevistas semi-directivas que, buscam ampliar o conhecimento sobre as disposições, trajetórias e estratégias para a mobilidade internacional. Serão realizadas também entrevistas após a experiência de intercâmbio⁶, buscando nos relatos uma aproximação sobre o desenvolvimento da vivência num contexto cultural diverso e, o conhecimento das possíveis consequências do intercâmbio. Tais como a fluência lingüística no idioma estrangeiro, contatos interculturais, alteridade, adaptabilidade, autonomia e instrumentalização acadêmica. Essa dupla investigação⁷ favorece também a confrontação do que se imagina de uma experiência internacional em contrapartida á experiência em si.

⁶ A perspectiva é que sejam realizadas entrevistas antes e depois com os mesmos indivíduos.

⁷ Estão sendo realizadas entrevistas semi-estruturadas com os discente que irão realizar o intercâmbio no 1º semestre de 2015 e no retorno á UFMG previsto para 2º semestre de 2015.

Segundo Paganini (1999, p. 63) discente tem a oportunidade durante a mobilidade de desenvolver fluência em idiomas estrangeiros, inserindo-se em um contexto de aprendizagem bilíngue ou multilíngue e vivência em uma cultura diferente da sua própria provendo uma “abertura ao internacional”.

Cicchelli (2008, p. 143) em seus estudos trabalha com a categoria de jovens-adultos como uma unidade de análise da juventude contemporânea “que permite a união entre dois elementos aparentemente contraditórios”. Essa perspectiva é fundada sobre a interdependência das gerações e sobre o alongamento da dependência dos jovens em relação aos pais, inclusive a coabitação (no sentido físico também) entre duas gerações. O jovem-adulto possui virtudes de autonomia e heteronomia, sendo a autonomia um “valor supremo dos nossos sistemas de valor” Dumont, 1983 apud Cicchelli, 2001, pg. 10).

Como efeitos da mobilidade internacional Cicchelli (2008, 2012) desenvolve por meio de suas pesquisas, com jovens-adultos que estiveram em mobilidade internacional, do ensino superior Europeu, a perspectiva de que o intercâmbio é um meio no qual, o jovem-adulto estrutura sua entrada na vida adulta. A mobilidade passa ser a metáfora do encontro consigo mesmo e, a adaptação em um espaço social desconhecido.

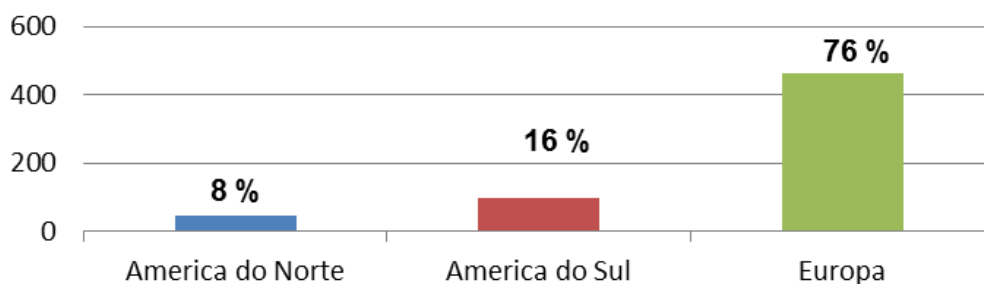
Para Erlich (2012, p. 130) é importante também observar que o país de origem do estudante e o país de acolhimento influem diretamente na experiência. Foi no contexto das mobilidades estudantis na Europa, que a autora reforça, no seu estado da arte das pesquisas sobre o programa Erasmus, que as experiências de mobilidade internacionais restam susceptíveis de serem interpretadas e modificadas segundo variações específicas das nacionalidades envolvidas (Wagner, 1998). Segundo Garneau (2008, apud ERLICH, 2012, p. 118) as características individuais e institucionais também influenciam as mobilidades, na forma como esses estudantes se apropriam e agenciam seus recursos durante suas experiências de mobilidade internacional.

Países de Destino

Quanto aos países de destino do programa « Minas Mundi » no edital 2014⁸, tem-se a oferta de mobilidade discente para países da América do Norte, do Sul e Europa. Como se vê o gráfico abaixo, o maior número de vagas se destina a países no Continente Europeu.

Países de destino Minas Mundi do Edital 2014

⁸ Para a pesquisa será considerado como amostra da pesquisa qualitativa os jovens que irão se beneficiar do intercâmbio em 2015 e foram selecionados pelo edital 2014.



Fonte: Dados do Diretório de Relações internacionais da UFMG.

Há nitidamente uma inclinação por um grupo de países, sinalizando que o valor da experiência de educação internacional varia segundo o país de origem e de destino. Com base em dados mundiais, esses indicam que 62% dos estudantes estrangeiros no mundo provêm de países ditos “do sul” (países em desenvolvimento) e se dirigem a países “do norte” (em geral desenvolvidos) ⁹. Por outro lado, 30% da mobilidade estudantil ocorre entre países desenvolvidos (norte-norte) e apenas 8% dos estudantes do sul realizam seus estudos em outro país do sul (cf. ENNAFAA 2004/2005).

A explicação para esse “tropismo” (WAGNER, 1998, p. 81) em direção aos países desenvolvidos consistiria, na relação simbólica desigual existente entre as nações por meio da diversidade das situações nacionais.

Essas são determinadas como: i) “reconhecimento internacional do nacional”, significa o nível de reconhecimento que cada país recebe dos países estrangeiros. Nesse caso os países dominantes econômica e politicamente, tem vantagens, pois, são capazes de dominar simbolicamente no plano mundial os demais países. E, ii) “reconhecimento nacional do internacional”, que significa o nível de reconhecimento que cada país atribui aos países estrangeiros. Os países dominados, do ponto de vista cultural e/ou econômico, acabam por considerar os investimentos no internacional rentáveis, como fonte de poder, prestígio social, linguístico e simbólico, “ao contrário para os países dominantes para os quais esses investimentos tornam-se, senão negativos, com pouco prestígio, na hierarquia das posições nacionais”. (NOGUEIRA; AGUIAR; RAMOS; 2008, p. 364).

Para Ballatore (2008, p. 25), concorrem nos destinos e acordos das mobilidades internacionais, uma assimetria de fluxos das trocas acadêmicas. Do ponto de vista institucional intercorre um “fenômeno das afinidades seletivas” que a autora identifica como das “afinidades institucionais”. São os acordos bilaterais entre as Instituições de Ensino Superior em que, observa-se haver uma hierarquia elitista entre universidades que “escolhem-se” mutuamente e, acabam por excluir determinadas universidades tidas como menos favoráveis a acordos e intercâmbios segundo também, o país de origem.

Os primeiros resultados de pesquisas

⁹ A designação “norte” e “sul” é comumente adotada pela literatura estrangeira para designar os países desenvolvidos e em desenvolvimento, respectivamente. No entanto, cabe assinalar que os termos não refletem necessariamente a posição geográfica dos países (WAGNER, 1998). A Austrália, por exemplo, apesar de se localizar no hemisfério sul, é considerado um país do norte por seu nível de desenvolvimento.

Para essa pesquisa uma análise mais aprofundada do tema em questão adquire relevância sociológica, em função da intensificação das ofertas das trocas internacionais no Brasil, para graduação, nessa pesquisa especificamente na UFMG.

A pesquisa está em andamento e, portanto como considerações parciais podemos sugerir, a partir de observações empíricas prévias, haver um aumento da procura pelo programa de mobilidade, os graduados veem-se motivados pela oportunidade de mobilidade internacional como uma forma de reconversão/atualização de seu capital cultural e, nas possíveis aquisições que tal experiência internacional poderá proporcionar para seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal.

REFERÊNCIAS

BALLATORE (M.), BLOSS (T.), 2008, “Le sens caché de la mobilité des étudiants Erasmus », in Dervin and Byram, dir., *Échanges et mobilités académiques – Quel bilan?*, Paris, L’Harmattan, pp. 17-42.

- BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- BROADY, D., BORJESSON, M., PALME, M. (2002). Go West ! O sistema de ensino sueco e os mercados transnacionais In: ALMEIDA, A. M. F., NOGUEIRA, M. A. (ors.). *A escolarização das elites – um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: Vozes.
- CICCHELLI (V.), 2008, “Connaître les autres pour mieux se connaître : les séjours Erasmus, une *Bildung* contemporaine », in Dervin and Byram, dir., *Échanges et mobilités académiques – Quel bilan?*, Paris, L’Harmattan, pp. 139-162.
- CICCHELLI (V.) « L'esprit cosmopolite. Voyages de formation des jeunes en Europe, de Vincenzo Cicchelli » SciencesPo les Presses, 2012.
- COULON, A. ; PAIVANDI, S. ; Les étudiantes étranger en France : l'état des savoir. Rapport pour l'Observatoire national de la vie étudiant (OVE), CRES, Université de Paris VIII- mars 2003. Cahiers du Brésil Contemporain, 2004-2005, n° 57/58-59/60,p.319-330.
- ENNAFAA, Ridha. Resenha do Relatório “Les étudiants étrangers em France: l'état des savoir” de A. Coulon e S. Paivandi. *Cahiers du Brésil Contemporain*, CRBC/EHESS,n.57/58-59/60, p. 319-330, 2004-2005.
- KOECHLIN-DARCY. Brigitte, *Internacionalização da formação*. Dicionário de Educação, Coord. Agnès van Zaten. – Petrópolis, R: Vozes, 2011, p . 521-523.
- ERLICH (V.), 2012, *Les mobilités étudiantes*, Paris, La Documentation Française.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MOROSINI, Marília Costa. *Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas Educar*. Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006.
- MURPHY-LEJEUNE, Elizabeth. *L'étudiant européen voyageur: um nouvel étranger*. Paris : Didier, 2003.
- NOGUEIRA, Maria Alice. *Cosmopolitismo científico e escolarização dos filhos - o caso das famílias de ex-bolsistas no exterior*. Relatório Final de Pesquisa. CNPq. Abril/2006.
- NOGUEIRA, Maria Alice; AGUIAR, Andréa; RAMOS, Viviane. Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. *Educação e Sociedade*, v. 29, p. 355-76, 2008.
- MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas Educar. Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006. Editora UFPR 107, *Trabalho apresentado na 28ª reunião anual da ANPED, no GT. 11 – Política de Educação Superior*. Caxambu, Minas Gerais, 16 – 19 de outubro de 2005.
- PAGANINI, G., *Formatio initiale et ouverture internationale: le cas des élèves-ingénieurs*. *Reveu Française de Pédagogie*, n° 129, oct-nov-dec, 1999, 53-64.

RAMOS, Viviane C., *“Perfil e motivações dos estudantes participantes do “programa de mobilidade discente internacional para a graduação”* (dissertação) da UFMG Belo Horizonte faculdade de educação, 2009.

ROBERTSON, Susan. Desafios enfrentados por universidades em um mundo em globalização, In: MOROSINI, Marília Costa (Org.) *Qualidade na educação superior: reflexões e práticas investigativas* [recurso eletrônico] – Dados Eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011 (Série Qualidade da Educação Superior; Acesso: <http://www.pucrs.br/edipucrs> (publicações eletrônicas/ séries) p.430 a 451.

RUANO-BORBALAN, J. C; Globalização, *Dicionário de Educação*, Coord. Agnès van Zaten. – Petrópolis, R: Vozes, 2011, p . 440-445

STALLIVIERI, Luciane. Mobilidade Acadêmica Internacional um objetivo que deve ser almejado pelas instituições de ensino superior do século XXI. XII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Luanda - Angola, 2002.

VAINFAS, R., « “Escrevam o que eu li” – O Livro a respeito do livro que inspirou Tiradentes ». Folha de São Paulo, 13 de outubro de 2013. Caderno de Cultura, Seção Ilustríssima, História, p.3.

VILAÇA, Sarah. Une traversée des frontières académiques – Des étudiants brésiliens, entre logiques universitaires nationales et stratégies d’internationalisation de l’enseignement supérieur- Les cas de mobilités *ERASMUS MUNDUS*. (Memoire) Université de Montpellier III, Master Recherche en Sciences des Organisations et Institutions, 2011.

WAGNER, Anna-Catherine. *Les classes sociales dans la mondialisation*. Paris : La Découverte, 2007.